



FOLHA INFORMATIVA ESPECIAL Nº16-2010

DUAS COMUNICAÇÕES AO FÓRUM DOS PALHEIROS DA COSTA

1ª COMUNICAÇÃO – JOAQUIM VIDAL TOMÉ

(Presidente da Junta de Freguesia de Vieira de Leiria)

AS BARRACAS DA PRAIA DA VIEIRA

Permanece incerta a data exacta do nascimento da Vieira, a sua situação geográfica privilegiada, servida por um rio navegável em tempos idos, permite-nos supor um povoamento precoce. As fainas marítimas sempre acompanharam a formação do Reino, os rios foram desde sempre, as primeiras vias de comunicação dos homens, e o litoral conheceu, desde os primórdios da nacionalidade, a demanda de outros litorais através da incipiente navegação de cabotagem.



Por via de um foral de D. Sancho I, no século XIII, sabemos o rio navegável, estrada de transporte de madeiras e pescado, donde se conclui que já existiam moradores permanentes. No início do século seguinte, já com D. Dinis, conhecemos a preocupação de fomentar todos os meios de riqueza nacional e não deixou de exercer a sua influência nesta região, procurando interessar os povos pelas terras, que encontrou na posse das

Ordens Religiosas, impulsionando a agricultura e a própria marinha nacional.

A Vieira cresce a partir da Praia para o interior, disseminando-se até Monte Real, separando-se desta povoação no início do século XVI, constituindo uma nova povoação, com 40

moradores. O seu progressivo desenvolvimento, no tempo da dominação filipina, em que o pinhal sofreu um novo impulso de plantio, irá permitir que no século XVIII, criada a respectiva freguesia, já tenha um número de mil habitantes.

O empaludamento da região aveirense, conduziu a uma fuga dos habitantes para Sul, por finais do século XVIII , trazendo consigo costumes diversos, entre os quais o vestuário das mulheres da Vieira, com o chapéu preto peculiar e os canos; o mesmo em relação aos barcos típicos, barcos do alto em meia lua, utilizados na pesca de arrasto. Serradores e pescadores, as mulheres entregando-se ao amanho da terra e à venda de peixe, fixam-se numa área de 50 000 hectares, próximo das areias do litoral, aproveitaram a madeira abundante para construírem as habitações características da beira – mar: as barracas de madeira sobre estacaria, defendendo-se das vagas na maré – alta, e, sobretudo das areias que podiam circular, varridas pelas nortadas, sem as soterrarem.

As melhores barracas da Praia, segundo Oneto Nunes, foram construídas sobre estacaria muito alta, atingindo algumas de 5 metros de altura, possuindo grandes escadarias exteriores e varandas corridas cobertas pelo prolongamento dos beirais, apoiadas em estacas, com dois pisos. Estas, as melhores, estavam destinadas a veraneantes. As dos pescadores eram mais pequenas e toscas. Todas assentavam em esteios, prumos na vertical e linhas na horizontal, mais tarde sobre pilares de cimento.



As chaminés eram de tijolo, pintadas de oca colorida ou cal. Por dentro era tudo muito pobre: As paredes tinham tábuas verticais forradas com jornais (colados com uma goma feita de farinha e água) para não deixar entrar o vento. Entre os compartimentos havia uns tabiques, que serviam de divisórias, não chegavam ou

tecto e por onde frequentemente corriam roedores.

Não havia camas, eram colocados dois bancos corridos com umas tábuas por cima e uma simples esteira, e quem tinha posses, luxava um colchão de palha de milho.

No princípio do século XX foi autorizado que fossem cedidas porções de terreno pertencentes à mata do estado, para a edificação de casas de habitação aos indivíduos residentes nas povoações situadas ao longo da costa marítima no enclave do pinhal.

Assim, em 1923 é concedido à Câmara Municipal da Marinha Grande uma porção de terrenos na margem esquerda do Rio Lis para alargamento da povoação de Vieira de Leiria, o que veio a introduzir grandes alterações na paisagem. Esta doação pretendia que a povoação crescesse a partir da foz do rio de forma ordenada. Foi então planeada a construção de um bairro de pescadores, na margem esquerda do rio Lis.

Os pescadores negaram-se a habitar nessas casas, alegando que estavam longe do mar, que não tinham anexos para a salga do peixe, nem armazéns e, para além disso, iriam passar a pagar renda.



Pretendiam então construir casas de alvenaria nos locais onde tinham as barracas na zona sul da praia. O poder político não permitia esta construção e aí começaram as construções em alvenarias clandestinas, cujo resultado predomina até hoje à vista de todos, nesse labirinto de ruas estreitas, de becos e travessas. Contudo, ficaram as barracas que atrás foram referenciadas como as “melhores barracas” tendo sido um punhado de jovens, pós Revolução de Abril que numa atitude considerada “libertadora”, numa explosão de euforia, precedeu à destruição das barracas que “personificavam a miséria”, deixando as dos pescadores avieiros (a do ti Pataco e a do ti Augusto Maleco).

Este acontecimento é devidamente documentado no filme “Gente da Praia da Vieira” do cineasta António Campos, onde é visível que há momentos que marcam definitivamente a vida de uma comunidade.

Nas actividades comemorativas por altura do 25^a aniversário da Elevação de Vieira a Vila, a população teve a oportunidade de rever o filme em questão e rememoraram -se as palavras

do Ernesto Korrodi, arquitecto a prestar serviço na edilidade, que numa atitude transfuga considerava inaceitável a transformação das barracas da Praia da Vieira em casas de alvenaria, e que a destruição das mesmas era uma irremediável perda cultural.

É pertinente explicar o nosso presente e perspectivar o nosso futuro. É através do conhecimento do nosso passado, dos nossos costumes, nos feitos que nos moldaram e pelos quais se foi modelando aquilo que nos levou a ser quem somos. É pois da identidade colectiva que estamos a falar.

O Homem cresce e transforma-se quando o faz a partir de atitudes tomadas. Na especificidade do projecto “ A Cultura Avieira a Património Nacional” estão a ser despertadas as mentalidades para a preservação do nosso património construído, e baseado no atrás referido, consideramos que há sempre espaço para despertar memórias.

Requalificar o património edificado existente, criar espaços que revivam a memória colectiva são formas de preservar a identidade de um povo.

Voltando a Korrodi, verifica-se que nos anos 70, já tinha à época uma visão futurista desta problemática, preconizou o erro irreparável que se estava a cometer com a destruição da barracas da Praia da Vieira, o arquitecto considerava que as atitudes se iam transformando fruto das rupturas com senso comum e que era necessário fazer a construção do Ser individual e colectivo, visando o paradigma da modernidade.

Mas as atitudes vão-se transformando fruto das rupturas que o Ser Humano vai fazendo. É certo, que a maior parte das ideias que muitas vezes se traduzem em atitudes tendenciosas não dependem só de cada um, mas também são absorvidas por tendências externas. Cabe pois a cada um, na sua relação com o património construído, tomar consciência das consequências das atitudes colectivas.

Em tempo de globalização, se não estivermos atentos, arriscamos a perder todas as riquezas do nosso passado. Se não nos preocuparmos em salvar o que ainda vamos tendo, aventuramo-nos a ser penosamente acusados pelas gerações vindouras, pelo delito de termos deixado aniquilar o nosso património cultural construído, dando mostras de completa negligência.

Urge portanto, sermos merecedores do respeito dos que nos seguirão, estamos a tempo de preservarmos o que resta para que a nossa memória colectiva perdure.

Joaquim Vidal Tomé

Presidente da Junta de Freguesia de Vieira de Leiria

*PORTEFÓLIO FOTOGRÁFICO – O ANTES E O DEPOIS DAS DEMOLIÇÕES DE PALHEIROS
NA PRAIA DE VIEIRA DE LEIRIA*



Beco dos Teimosos

Antes

Depois



Travessa do Areal

Antes

Depois



Travessa dos Falcões

Antes

Depois



Beco dos Teimosos

Antes

Depois

2ª COMUNICAÇÃO – PAULO VICENTE

(Vice-Presidente da Câmara Municipal de Marinha Grande)

OS PALHEIROS DA COSTA E OS DA PRAIA DE VIEIRA DE LEIRIA

Minhas senhoras e meus senhores:

Muito me apraz participar neste fórum de debate em defesa dos Palheiros e da cultura popular, em representação do Sr. Presidente da Câmara Municipal da Marinha Grande, que devido a questões de agenda lamenta não poder estar aqui presente.

Com o alvor do século XX, Vieira de Leiria foi protagonista de uma das mais singulares migrações internas que Portugal conheceu — a dos "Avieiros".

O agravamento das condições de vida dos pescadores, aos quais a praia da vila nada mais tinha



para oferecer para além de um inverno rigoroso e muita fome, criou um grande fluxo migratório em direcção ao Tejo e ao Sado.

Grandes comunidades de pescadores afluíram da Praia da Vieira e foram-se estabelecendo junto das vilas ribeirinhas de ambos os rios, encaminhando-se depois para o tráfego comercial fluvial e terrestre.

Apresentação da comunicação no Hotel da Caparica. Foto: Luís Romão

Durante décadas estas famílias dividiram a sua vida entre o verão em Vieira e o inverno no Tejo, entre a arte xávega da sardinha e a arte varina do sável. Mas chegou o dia em que deixaram de regressar durante o Verão. E para sempre ficaram ligados à história do Tejo, os homens da Vieira, os Avieiros.

É esse movimento migratório que está na base do protocolo de parcerias entre a Câmara Municipal, a Junta de Freguesia e o Instituto Politécnico de Santarém, para a preservação da cultura avieira, assinado no passado dia 9 de Julho de 2010.

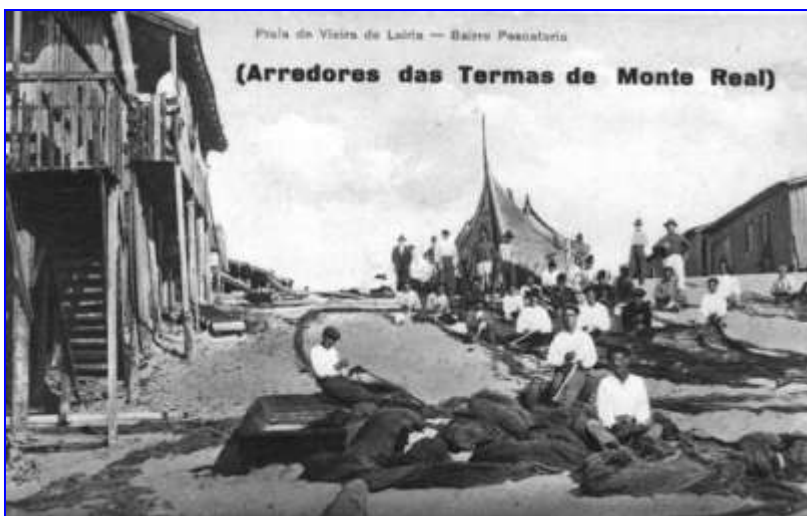
O acordo visa estabelecer as condições em que se podem criar, desenvolver e concretizar as relações de cooperação entre as instituições de modo a preservar e classificar o património Avieiro.

A importância desta comunidade é confirmada se atendermos à sua forma de vida e se verificarmos que, pela sua capacidade de adaptação, edificaram um património único.

Em finais do século XIX vivia-se num clima de grande crise. A fome era um factor predominante a muitas famílias da Praia da Vieira, que viviam em habitações que sempre designaram por barracas em madeira, tão características do litoral centro português.

Para a população mais jovem, que se ia casando, a solução para residência passava por arrendar ou construir barracas, na Praia, em terrenos estatais que iam sendo ocupados.

Eram construções em madeira, que ali ninguém designava por “palheiros”. As melhores eram assentes em estacaria alta, com grandes escadarias exteriores e varandas corridas cobertas pelo prolongamento dos beirais, com dois pisos.



Como refere o antropólogo Francisco Oneto Nunes, na obra “A arte xávega na Praia da Vieira”, este último tipo de habitações destinavam-se aos veraneantes, como era o caso da barraca “do Amaro”.

As dos pescadores eram, normalmente, mais

pequenas e toscas. Todas assentavam sobre esteios, prumos (na vertical) e linhas (na horizontal).

Segundo este estudioso, as chaminés eram de tijolo e muitos ainda se lembram de algumas barracas serem pintadas por fora em tons de azul, vermelho escuro, castanho e amarelo-torrado.

No seu interior, era tudo muito pobre. As paredes de tábuas verticais forravam-se com jornais, para não deixar entrar o vento, e as divisórias entre os compartimentos eram uns tabiques que não chegavam ao tecto e por onde frequentemente corriam as ratazanas.

Não havia camas, colocando-se dois bancos corridos com umas tábuas por cima e uma simples esteira ou colchão de palha de milho.



A miséria, a necessidade de trabalho e a procura de habitação em Vieira de Leiria levou à deslocação de muitas pessoas da Praia.

As barracas eram então conotadas com a pobreza e miséria. Imediatamente após o 25 de Abril de 1974, os populares revoltados com as suas condições de vida,

procederam à sua destruição, ambicionando construir habitações que garantissem outro tipo de conforto (na foto).

Nesse momento não houve por parte das autoridades qualquer iniciativa para as preservar e alguns estudiosos da época, como arquitectos e engenheiros, chegaram a defender a sua requalificação e conservação para ali se estabelecerem ateliers de artes e ofícios tradicionais.

Estes acontecimentos estão bem retratados no filme “Gente da Praia da Vieira”, do realizador António Campos, da Cinemateca Portuguesa, que convido a visualizar.



Hoje é sobejamente reconhecido este erro cometido.

As barracas ou palheiros constituem uma das formas de expressão da cultura dos pescadores, que se inscreve na cultura popular portuguesa.

É inquestionável o valor patrimonial destes imóveis e a necessidade de preservar todos

os vestígios que existam no litoral português. Eles perpetuam a memória de uma comunidade.

Alerto, por isso, para as autoridades competentes no sentido da tomada de medidas para preservar e beneficiar os palheiros existentes.

É importante mostrar aos homens e mulheres de hoje e amanhã, o que conta a história dos seus antepassados.

Paulo Vicente

Vice-Presidente da Câmara Municipal da Marinha Grande



Palheiros na Praia de Vieira de Leiria, com barcos meia-lua